

MULHERES NEGRAS NA DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR: HISTÓRIAS DE INSUBMISSÃO E SUCESSO

Gerusa Faria Rodrigues ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir dados de uma pesquisa de pós-doutorado, que objetivou compreender as trajetórias de sucesso de mulheres negras, professoras do Ensino superior de quatro universidades públicas do estado do Rio de Janeiro. Ao narrarem suas trajetórias, as interlocutoras apontam as marcas deixadas pelo racismo e os estereótipos atribuídos a esse grupo de mulheres, fato que tende a dificultar consideravelmente o acesso à docência no Ensino superior. Inicialmente, foi realizado um levantamento nas universidades UFRJ, UNIRIO, UERJ e UFRRJ, em cursos considerados de prestígio social (Medicina, Direito e Engenharias), e, também no curso de Pedagogia, como contraponto a esses cursos. A pesquisa preliminar teve como objetivo apurar o número de professoras negras nos cursos supracitados, bem como buscar possíveis interlocutoras para conversas posteriores. O estudo utilizou como metodologia a coleta de dados, realizada por meio das páginas oficiais dos cursos das Universidades, além de uma busca nominal das docentes por meio da Plataforma Lattes, e redes sociais das mesmas. Foi realizado um processo de heteroidentificação para descobrir quais professoras listadas nas páginas dos cursos eram negras (pretas e pardas). Após a coleta de dados, foram realizadas conversas individuais com as professoras, remotamente, com gravações de áudio. Segundo Kilomba (2019), a realização de entrevistas entre iguais tem sido incentivada pelas feministas, pois estabelece relações igualitárias entre as mulheres, proporcionam experiências compartilhadas de igualdade social. Para a análise e sustentação teórica das histórias narradas, foram utilizadas pesquisadoras negras como Kilomba, hooks, Gonzalez, Gomes e Souza. Ao longo da pesquisa, foi possível observar o padrão de funcionamento do racismo estrutural e cotidiano, e como este, por meio de seus mecanismos sofisticados, dificulta os caminhos das mulheres negras, colocando-as em um constante processo de subalternização no espaço acadêmico, e vistas como não pertencentes a este espaço.

Palavras-chave: Mulheres negras, trajetórias, sucesso, insubmissão.

INTRODUÇÃO

A ideologia do branqueamento constitui-se como pano de fundo daqueles discursos que exaltam o processo de miscigenação como expressão mais acabada da nossa “democracia racial”.
(GONZALEZ, 2018, p. 63)

O presente artigo visa apresentar os dados da pesquisa de pós-doutorado que teve por objetivo compreender como se constituíram as trajetórias de sucesso de professoras negras do Ensino superior, considerando o impacto do racismo estrutural, e das

¹ Pós-doutora em Educação pelo Proped UERJ, Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ/Cabo Frio/ Licenciatura em Geografia – RJ-
gerusa.rodrigues@uerj.br/faria.rodriguesgerusa@gmail.com



expectativas que são projetadas sobre este grupo de mulheres, que são vistas como servis, pessoas que devem cuidar, e estar em atividades subalternizadas.

No primeiro momento da pesquisa foi realizada uma busca por dados, estatísticas, ou mesmo um censo sobre docentes negras/os nas universidades escolhidas para o levantamento (UFRJ, UERJ, UNIRIO e UFRRJ). No entanto a única Universidade com dados sobre docentes, técnicos e funcionários negras e negros, com estatísticas sobre este grupo, foi a UFRJ, que embora não apresente informações sobre docentes negras, especificamente, aponta que dos 14.017 funcionários e docentes, 3.367 (24,02%) são pardos, 1.270 (9,06%) pretos. No censo da Instituição as funções gratificadas também são citadas, com o recorte racial e de gênero, das 410 funções gratificadas, 85 são exercidas por pessoas pardas, e, apenas 32 por pessoas pretas. Sendo que os homens brancos são maioria nestes cargos de chefia².

Os cursos escolhidos para que o levantamento das docentes negras fosse realizado, são os considerados de maior prestígio social (Medicina, Direito, Engenharias), onde há um árduo processo para ingresso dos estudantes, que são compostos, em sua maioria, por jovens brancos/as das classes mais abastadas. Foi eleito o curso de Educação (Pedagogia), considerado subalternizado mesmo no grupo das Ciências humanas, por abrigar em sua maioria mulheres, e muitas destas negras.

Para uma melhor exploração da temática o artigo está dividido em 2 seções, uma que discute o percurso teórico metodológico, a segunda que apresenta, discute, e analisa as trajetórias das interlocutoras, e para finalizar o artigo algumas considerações sobre os dados da pesquisa foram tecidas, relacionando com os desafios da docência para mulheres negras.

Caminhos Metodológicos

Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela
(Angela Davis).

Os dados iniciais foram levantados nas universidades elencadas de forma bastante artesanal, já que as páginas das instituições não disponibilizam informações disposta por

² Fonte: Pró reitoria de pessoal- PR4- Universidade Federal do Rio de Janeiro- 2023.



gênero e raça. Deste modo, foi necessário acessar as páginas dos cursos alocadas no site das universidades, e realizar buscas sobre as professoras.

UNIVERSIDADE	CURSOS	TOTAL DE DOCENTES	DOCENTES NEGRAS	PERCENTU AL
UFRJ	Medicina	365	0	0%
UFRJ	Politécnica Engenharias	206	0	0%
UFRJ	Direito	94	1	1,06%
UFRJ	Educação/Pedagogia	126	10	7,9%
Unirio	Medicina	70	3	4,28%
Unirio	Direito	35	1 (parda)	2,8%
Unirio	Engenharia de produção	14	2	14,28%
Unirio	Educação/Pedagogia	49	3	6,12%
UERJ	Medicina	289	1	0,34%
UERJ	Direito	120	0	0%
UERJ	Engenharia Civil	12	1	8,33%
UERJ	Educação/Pedagogia(Ma racanã)	122	5	4,09%
UFRRJ	Medicina Veterinária*	68	1	1,47%
UFRRJ	Direito (Seropédica)	14	0	0%
UFRRJ	Arquitetura e Urbanismo*	30	0	0%
UFRRJ	Educação/Pedagogia (Nova Iguaçu)	35	5	14,28%

Quadro I- Fonte: Dados levantados pela pesquisadora nos sites das instituições mencionadas 2023/2024.

* Houve uma alteração nos cursos da UFRRJ, devido ao fato da Universidade não contar com os cursos que vinham sendo pesquisados nas demais instituições.

Os dados apresentados no quadro acima são o resultado dos levantamentos realizados nos sites dos cursos das instituições, na Plataforma lattes do CNPQ, e para as professoras que não possuem fotos em seu currículo, foi realizada uma busca por redes sociais, e páginas de eventos acadêmicos na internet, e teve como base a heteroidentificação realizada pela pesquisadora. A classificação de cor utilizada foi a mesma do IBGE, que desde a realização dos censos contemporâneos utiliza características fenotípicas como



cor, traços corporais (formato do nariz, da boca, cor e tipo e cor dos cabelos), assim como origem regional.

As professoras pesquisadas, por meio da rede mundial de computadores, foram identificadas por meio do olhar da pesquisadora, deste modo, se fosse possível interpelar todas as docentes, de todos os cursos apontados, poderia acorrer mudanças nestes números.

Para ratificar as considerações apresentadas sobre identificação racial, recorro a Munanga (2004), em entrevista concedida à revista *Estudos Avançados*, o referido autor e pesquisador, aponta que pode parecer simples se definir como negro no Brasil; no entanto, em um país que desenvolveu o desejo do branqueamento não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não, pois, há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram negras. Segundo Munanga (2004, p. 52):

Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte americana. Nos EUA não existe pardo, mulato ou mestiço e qualquer descendente de negro pode simplesmente se apresentar como negro.

No entanto, buscar a autoidentificação destas docentes não foi possível, além de não fazer parte do escopo da pesquisa, os números apresentados indicam, de modo muito expressivo, a grande discrepância se considerarmos no cômputo do total de docentes nos cursos de maior prestígio social, e o quantitativo de mulheres negras encontrado alguns cursos como o de Medicina na UFRJ, e as Engenharias no Instituto Politécnico da referida Universidade, ainda contam com um número reduzido de mulheres.

O curso que mais conta com mulheres negras em seus quadros foi o Educação/Pedagogia, que foi discriminado desta forma, pois, em todas as universidades os cursos também possuem pós-graduação *Stricto Sensu*, e parte dos docentes integram estes cursos.

Transcorrida a fase inicial da pesquisa, as interlocutoras foram escolhidas com a finalidade de ouvir suas trajetórias, e compreender os caminhos que as levaram a vencer os obstáculos impostos pela raça, gênero, e na maioria das histórias destas mulheres,



também a classe social, pois, apenas uma das entrevistas tem sua origem em uma família de classe média, as demais são oriundas das classes populares.

Foram entrevistas 6 (seis) professoras das Universidades elencadas anteriormente, 1 UFRJ- Psicologia; 1 UFRJ- Educação; 1 UNIRIO- Medicina; 3 UERJ- 1 Educação, 1 UERJ/UEZO- Engenharia, 1 UERJ- Medicina. Para as conversas utilizei entrevistas não diretivas, baseadas em narrativas biográficas, para que as mulheres pudessem contar suas histórias de forma a mais espontânea possível, e com poucas interrupções.

De acordo com Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, onde a pesquisadora entrevistou mulheres negras, sobre episódios de racismo, realizar pesquisas entre iguais vem sendo encorajado por feministas, por representar relações não hierárquicas entre pesquisadoras e interlocutoras. Dessa forma, há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com os problemas.

Ainda em Kilomba (2019, p. 85), é possível compreender as narrativas biográficas da seguinte forma:

É extremamente importante ter essa perspectiva biográfica ao trabalhar com o fenômeno do racismo porque a experiência do racismo não é um acontecimento momentâneo ou pontual, é uma experiência contínua que atravessa a biografia do indivíduo, uma experiência que envolve uma memória histórica de opressão racial, escravização e colonização.

Das 6 (seis) docentes entrevistadas, 5 (cinco) têm idade na faixa entre 44 à 49 anos no momento da realização da pesquisa, e apenas 1 (uma), tem mais de sessenta anos, sendo 4 (quatro) oriundas do Estado do Rio de Janeiro e 2 (duas) nordestinas, dado importante na compreensão das trajetórias, considerando que ser mulher, negra, e nordestina intersecciona outro ponto de preconceito, ao racial e de gênero.

Todas as entrevistas foram realizadas de forma remota, com gravação de áudio e transcrição das falas, para que pudessem ser utilizadas posteriormente como base para as análises. Durante as conversas não houve um roteiro pré-estabelecido, foi pedido apenas que as interlocutoras narrassem suas histórias, partindo de onde se sentissem mais confortáveis, e todas iniciaram pela infância, pelas relações familiares, escolares, até que chegaram aos caminhos que as levaram à docência do Ensino superior.

Trajetórias insubmissas como caminho para o sucesso

Tudo acaba sendo uma questão de racismo mesmo, está cada dia mais presente. É racismo pelo fato do negro não pode aparecer. O negro não pode se impor, o negro não pode



ter atitude, o negro não pode ser brilhante. O negro é aceito se ele for submisso, que aceita tudo, sem questionar (Maria, 2024)

Ao longo das conversas realizadas com as interlocutoras, mesmo com trajetórias bastante distintas, em estados diferentes do país, as questões raciais e a subalternidade são marcas deixadas em todas as trajetórias, assim como tudo que implica ser mulher em uma sociedade regida pelas ideias do patriarcado, e machismo, marcas que retardaram a ascensão na carreira docente e ingresso ao Ensino superior.

As situações de racismo as quais todas as interlocutoras foram submetidas, iniciadas na infância, passaram em muitos momentos pela escola, e sua falta de protocolos efetivos de combate ao racismo, como fica explicitado em alguns trechos narrados pelas docentes.

Mesmo nos casos de mulheres negras oriundas da classe média, como é o caso da Professora Diva, o racismo atravessa sua trajetória, sendo causador de sofrimento psíquico à população negra. O que levou a interlocutora a enveredar pelo campo da Psicologia Social, buscando compreender os meandros da estrutura racista, e os efeitos sobre a população negra.

O trabalho no campo acadêmico e intelectual para mulheres negras se torna um desafio ainda maior, do que para as mulheres brancas, considerando que o esperado é que exerçam trabalhos subalternizados, que não exija capacidade intelectual. bell hooks, em seu artigo *Intelectuais Negras* (1995), ao analisar as dificuldades das intelectuais negras dos Estados Unidos aponta que “as intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença, mas, que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita.” Assim, para as mulheres negras, se firmar no campo acadêmico acaba se tornando uma tarefa mais difícil e desafiadora.

As demais interlocutoras, todas oriundas das classes populares, passaram por situações distintas ao longo de suas trajetórias, mas que de maneiras variadas compõe o sofisticado espectro do racismo, que passa por episódios de hiperssexualização, desvalorização, ofensas, e sonhos de infância que são atravessados pelas condições atreladas ao “destino social” como alude Bourdieu (2007), o “destino social” das diferentes classes sociais, constitui a expressão de um sistema de valores implícitos e



Considerar as mulheres como ponto central deste trabalho se configura a partir do duplo papel que elas assumem na engrenagem racial e colonial brasileira: 1) em primeiro lugar, porque a violência da colonização/miscigenação ocorre a partir da violação dos corpos femininos; e 2) posteriormente, porque a “mulata exportação” ou “mulher brasileira” hiperssexualizada e exotificada é, ela mesma, a epítome da falaciosa harmonia brasileira das raças, uma imagem amplamente utilizada para instrumentalizar o mito da democracia racial. Esses dois fatores elucidam a dupla objetificação da mulher racializada, que num projeto de



sociedade cisheteropatriarcal (Francisco VALDES, 1996) branca, é percebida como objeto-produto do sucesso da colonização/branqueamento e, ao mesmo tempo, objeto sexual (Lago, Montibeler e Miguel, 2019, p. 7).

A hipersexualização de mulheres negras é recorrente, principalmente das mulheres pardas, que são compreendidas como o símbolo do mito da democracia racial, já que são frutos de relacionamentos miscigenados, representando o desejo inculcado de branqueamento na população negra. Paula internalizou as orientações de sua mãe, se submeteu a relacionamentos tóxicos, buscando atender as expectativas familiares, acreditando que os relacionamentos abusivos, eram os únicos possíveis de serem conquistados.

Maria mulher preta, periférica, Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, no curso de Medicina, também foi vítima da hipersexualização a que são submetidas muitas mulheres negras.

O sexismo e o racismo atuam juntos perpetuando uma iconografia de representação da negra, que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta, principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje, o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como um símbolo quintessencial, de uma presença feminina natural, orgânica, mais próxima da natureza animalesca e primitiva (hooks, 1995, p. 468 apud Rodrigues e Breder, 2023).

As intersecções existentes nos percursos das interlocutoras explicitam a presença do racismo e do sexismo, e vão traçando um fio condutor em todas as narrativas. Um dado relevante que surge na narrativa da Professora Lúcia, Engenheira Química, que atua como docente na UEZO/UERJ, é o quanto a construção de uma consciência racial, talhada no seio familiar pode ser fundamental nas trajetórias futuras destas mulheres. Lúcia informa que seus pais e outros membros da família chegaram a participar do movimento negro, uma formação que contribui significativamente na construção de uma autoestima positiva, e instrumentaliza seus participantes com ferramentas teóricas para o enfrentamento ao racismo.

No entanto, a grande maioria das famílias negras brasileiras possuem uma estruturação fora do convencional, onde as mulheres negras assumem as responsabilidades como mantenedoras, e os pais são ausentes, ou pouco contribuem com o sustento da família, por razões diversas.



Para muitas mulheres negras, como Jaqueline, estudar se torna um refúgio seguro para fugir da pobreza, dessa forma a interlocutora traçou como objetivo de vida estudar muito, “*estudar para a vida melhorar*”. Assim, Jaqueline acaba se impondo uma meta elevadíssima, por compreender que ser negra dificulta todos os acessos, e é sempre necessário se destacar, ser a melhor, para talvez, conseguir ser notada. Existe uma organização da supremacia branca que visa invisibilizar o pensamento negro, sobretudo o das mulheres negras, assim como de transformar seus discursos e problemas em vitimização. Sobre estes fatos Collins (2019), em seu livro *Pensamento feminista negro*, discorre sobre o tema trazendo elucidações:

A sombra que obscurece essa complexa tradição intelectual das mulheres negras não é nem acidental, nem benigna. Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais (Collins, 2019, p. 6).

Todo este processo faz com que mulheres negras se cobrem ao extremo, e não consigam desfrutar dos momentos de sucesso sem as tensões constantes. Relacionando estas tensões e questionamentos com a trajetória de Jaqueline todas as conquistas oriundas do esporte sempre estiveram aliadas ao excesso das próprias cobranças, e da busca por não frustrar as próprias expectativas e dos que estavam ao seu redor.

Destarte, para as mulheres negras inseridas na docência e atividades de pesquisas nas universidades, estas relações são baseadas no racismo cotidiano, no sexismo, e na grande maioria das vezes em um sentimento de solidão acadêmica, por não poderem contar com outras mulheres negras na caminhada.

CONSIDERAÇÕES

Ao longo de todo o trabalho de pesquisa, foi possível observar alguns padrões sociais de expressão do racismo estrutural e cotidiano. As poucas mulheres negras que conseguem seguir na docência do Ensino superior, e nos campos de pesquisa, estão nos cursos de menor prestígio social, como Educação (licenciaturas em geral), Serviço Social, Ciências Sociais.

Com as cotas raciais o acesso de negras e negros às universidades aumentou consideravelmente, mas, se faz necessário que as políticas de permanência sejam



intensificadas, para que este grupo possa acessar e permanecer, pois, as pesquisas demonstram que os que conseguem permanecer apresentam bom desempenho, não ficando aquém dos não cotistas. No entanto, este aumento da diversidade nas universidades públicas, não reflete no aumento de docentes negras nos mais diversos cursos, pois, por mais que haja a lei de cotas raciais nos concursos públicos, dificilmente ela é de fato válida, já que os concursos devem apresentar a reserva de vagas se o número for acima de 5 vagas, e nos concursos para docentes, em poucas ocasiões há este quantitativo disponível.

Um dado recorrente nas falas das professoras entrevistadas é a presença do racismo estrutural nas universidades, e as poucas políticas de enfrentamento ao problema, que é crônico na sociedade. Compondo internamente todas as estruturas sociais, ele ocorre de forma velada, e possui mecanismos de manutenção bastante sofisticados, dificultando seu combate.

E, estas estruturas acompanham as trajetórias das mulheres negras ao longo de toda vida, causando uma série de dores e sofrimentos, como o sentimento de não possuir uma aparência adequada, o comportamento esperado, nos relacionamentos conturbados, abusivos, ou mesmo na solidão experimentada por muitas destas mulheres. Considerando que em muitos casos, cabe o papel de cuidar, de prover, fazendo com que sejam vistas como fortalezas, onde não há fragilidades e necessidade de ser cuidada, causando em muitos momentos, um processo de adoecimento psíquico.

Mesmo conseguindo superar os obstáculos, ao conseguirem se inserir no mundo acadêmico, estas mulheres enfrentam um duro processo de desqualificação, são postas à prova diversas vezes, e têm sua intelectualidade vista como suspeita, frágil, fazendo com que estas, em alguns momentos, sofram com a “síndrome da impostora”, causada pelo constante processo de serem vistas como pessoas inaptas para desempenharem a docência no Ensino superior, e pesquisas relevantes à comunidade acadêmica. Aliado a estas violências, vem o sentimento de solidão acadêmica, por não haver companheiras próximas para que a luta seja travada de forma coletiva. A expectativa direcionada às mulheres negras é que fracassem e desistam, sem causar incômodos, permanecendo no local de subalternidade destinado a elas pelas classes dominantes. Mas como insubmissas, estas mulheres vão buscando estratégias, aprendem a se posicionar e superar algumas barreiras impostas pelo racismo, classismo e sexismo.



Os dados da pesquisa demonstraram de forma contundente, que há um longo caminho a ser percorrido para que mais mulheres negras possam estar na academia, nas pesquisas, nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu*. E esta mudança precisa se iniciar na base, com currículos mais diversos, em que seja naturalizado ler, debater e beber das pesquisas de mulheres e homens negros, naturalizando desde sempre pessoas negras como produtoras de conhecimento. Políticas mais igualitárias, que possibilitem que mulheres negras tenham condições de se inserirem nos espaços dominados pela branquitude, sem serem vistas como menos capazes, ou as pessoas que precisam ser chanceladas para estar neste meio que é competitivo e cruel.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O capital social –notas provisórias. In: CATANI, A. NOGUEIRA, M. A. (org.). 2007.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**. Boitempo, 1ª. ed. 2019.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia González: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA, 2018.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. Santa Catarina V. 3, segundo semestre/1995, p. 464- 478.

HOOKS, B. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**. N. 16. Brasília, jan.-abril 2015, p 193- 210.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Tradução Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, ano 18, n. 50, 2004.

RODRIGUES, G. F. e BREDER, D. Autoanálise da trajetória social e a construção de objeto de estudo: algumas reflexões. In: CORRÊA, C. C. M. e DORO, F. G. (org.) Estudos sobre educação: Dialogando com pesquisadores e instituições. Livro eletrônico. 1ª. ed. Petrópolis/RJ: Casa Editorial Manacá. 2023.



SOUZA, E. R. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu**. Campinas. n. 26, p. 169 - 199.

